

MARIA DO CÉU QUINTAS

«Não podemos ver o país por igual»
«You cannot view the country equally»

TEXTO TEXT MARIA CRUZ FOTOGRAFIA HY

©PMC

Não! Não! Não! Assim lhe exige que seja o papel profissional que assume. Sentada na secretária onde, muitas vezes, o «Não» soa mais alto do que a vontade de dizer «Sim», Maria do Céu Quintas, Presidente da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, conversou connosco sobre a sua passagem por Moçambique, terra onde nasceu, e de onde guarda belíssimas lembranças, e falou, ainda, sobre a sua vida política. Ela é exigente. Simpática. Cativante por natureza. Sempre de sorriso nos lábios. Maria do Céu está na vanguarda de uma das autarquias do interior do país e, enquanto se faziam as perguntas, era facilmente percebível como esta Mulher estima o desafio político que tem pela frente.

É natural de Moçambique.

Nasci em Moçambique. Estive lá até aos 11 anos.

Que recordações guardou de lá?

Boas, muito boas (*risos*). Nasci em Vila Pery – actual Chimoio – e, aos três anos, fui viver para a Manica, que ficava muito próxima da fronteira com a Rodésia. Fiz a escola até ao 1.º ano do ciclo (agora é o 5.º ano). Vim para Portugal em 1974.

Alguma vez voltou a Moçambique?

Não. Mas gostava muito de lá voltar, de mostrar à minha família onde é que estive.

Lembra-se de brincar com os meninos de lá?

Lembro. Há muita coisa que está, ainda, bem presente. Dá é uma tristeza ir ao Google tentar ver aquilo e perceber que está muito estragado, que as ruas não têm alcatrão... Ao contrário do passado. Era uma vila tipo Freixo, pequenina, mas que tinha tudo.

No! No! No! This is professional role she is required to play. Sitting at the desk where «no» often rings out louder than the desire to say «yes», Maria do Céu Quintas, mayor of Freixo de Espada à Cinta, chatted with us about her time in Mozambique, the place she was born, and of which she has beautiful memories, and she also talked about her political life. She is demanding. Friendly. Captivating by nature. Always with a smile on her lips. Maria do Céu is at the helm of one of the municipalities of Portugal's interior, and while the questions were being asked, it was easy to see how this woman relishes the political challenge facing her.

You were born in Mozambique.

I was born in Mozambique. I was there until I was 11 years old.

What memories do you still have of there?

Good ones, very good ones (*she laughs*). I was born in Vila Pery – now Chimoio – and when I was three years old, I went to live in Manica, which was very close to the border with Rhodesia. I attended school until the 1st year of the *ciclo* (what you'd call year 5 today). I came to Portugal in 1974.

Have you ever been back to Mozambique?

No. But I would really love to go back there, to show my family where I lived.

Do you remember playing with children there?

I remember. There is so much that is still so vivid. That's why it's sad to go onto Google Maps to try to see it and realise that it is badly damaged, that the streets have no tarmac... Differently from the past. It was a town like Freixo; small, but it had everything.





E depois veio para cá (Freixo)...

Quando cheguei cá, eu e os meus pais fomos para Lagoaça. E, ao entrar naquela aldeia, ao ver todas aquelas casinhas baixinhas, todas em pedra, a minha reacção foi muito má. Assim que cheguei à entrada daquela aldeia, disse ao meu pai: «Eu não fico aqui!».

Hoje, já não pensa assim?

Não, nem pensar! Não trocava isto por nada. Mas foi o choque, o contraste, não tinha nada a ver. Depois, durante muito tempo, e ainda hoje, não falo muito da minha infância, porque as pessoas não entendiam muito bem. Havia aquele estigma do «é retornada...». Não sou retornada, seria refugiada, retornada não – porque eu nasci lá –, mas eram todos apelidados assim, de 'retornados'.

O que a levou a tirar o curso de gestão?

Tive a influência, desde miúda, em Moçambique, de uma senhora que trabalhava num banco. O meu pai mandava-me ir ao banco, com os recados dele, e eu adorava ir. Trabalhavam lá essencialmente homens e uma moça solteira que era a Luísa, e eu, não sei porquê, olhava-a e imaginava-me ali, como ela. Lembro-me de uma noite o gerente do banco, o senhor Ferreirinha, estar lá em casa (Moçambique) e eu lhe dizer: «Quando for grande quero ir trabalhar para o banco como a Luísa», e o meu pai a dizer que não, e eu a dizer que sim! Fartei-me de chorar porque o meu pai me estava a contrariar.

Mesmo contrariando o seu pai, seguiu gestão?

Fui bancária. Quando estava em Freixo a dar aulas abriu um concurso para a Caixa Geral de Depósitos, concorri e entrei. Fui seleccionada entre os 48 concorrentes.

And then you came here (Freixo)...

When I got here, my parents and I went to Lagoaça. And, as we entered that village, and saw all those low houses, all out in stone, my reaction was very bad. As soon as I got to the entrance of that village, I said to my father: «I'm not staying here!»

You don't think that way now though?

No, perish the thought! I wouldn't change this for anything. But it was the shock, the contrast, there was just no comparison. Then, for a long time, and even today, I don't speak much about my childhood, because people didn't understand very well. There was that thing of «you've come back» thing. No, I haven't come back, I'm a refugee, I haven't returned – because I was born there – but that's what they were all called: 'returnees'.

What caused you to study management?

Ever since I was little, in Mozambique, I had been influenced by a lady who worked in a bank. My father would send me to the bank, with his messages, and I loved going. There were men working there, and a single young woman, who was Luísa, and I, I don't know why, would look at her and imagine myself there, like her. I remember one night the manager of the bank, Senhor Ferreirinha, was at our house (Mozambique) and I told him: «When I grow up I want to go to work for the bank like Luísa», and my father saying no, and me saying yes! I cried my eyes out because my father was against me.

Even going against your father's wishes, you studied management?

Viu-se no papel da Luísa (do banco em Moçambique)?

Sim, porque era a única mulher ali no meio dos homens.

O que lhe dizia o seu pai?

O meu pai ficou muito contente, porque eu cheguei onde queria e ele tinha um orgulho muito grande em mim.

A Maria do Céu mostrou-lhe que conseguiu...

Sim... (*emociona-se*).

Sai da área da banca para a política...

Nunca me imaginei a chegar à reforma sempre a fazer a mesma coisa. No entanto, há alguns anos, numa transição de mandatos, pensei no que ia acontecer «este presidente vai estragar tudo». Porque até ali a Câmara tinha uma área financeira muito boa e, depois, começou a dar-se cabo de tudo (o novo presidente). Começou a parte financeira da Câmara a ficar muito mal, e agora a recuperação vai demorar muito tempo. Foi esse estado, e a vontade em fazer, que me entusiasmou para a Política. Nas eleições autárquicas de 2009, o candidato do PSD convidou-me a integrar a lista à Câmara Municipal, embora eu não tivesse ligação partidária, e à época estivesse do 'outro lado'. Nestas circunstâncias, tive de tomar uma decisão, mas sempre numa postura honesta quer para com quem me convidou, quer para com os que integravam a lista a que pertenci. Fui peremptória «Tenho um convite e vou aceitar». Toda a gente me apoiou. Concorremos. Não ganhámos, e estive quatro anos a fazer oposição.

E depois?

Depois candidatei-me a Presidente da Câmara! O anterior candidato e Presidente da Concelhia informa-me de que não seria recandidato. Nesse contexto fui clara: «se não és, tu, sou eu! Fui, e ganhei!»

E como é que tem sido a experiência?

Tinha plena consciência do estado em que estava a Câmara, mas entendia que tinha de fazer alguma coisa...

O seu compromisso para com a Câmara está a ser honrado?

Sim. Já descemos a dívida em cinco milhões. As receitas desta Câmara quase que se circunscrevem ao FEF (Fundo de Equilíbrio Financeiro). E 86% do FEF é para vencimentos e empréstimos e, mesmo assim... Quando iniciei funções sabia que a situação financeira da Câmara estava mal, sabia, mas tínhamos de inverter o caminho da gestão financeira.

De que forma estão a apostar na dinamização de Freixo?

Através de eventos que percorrem praticamente o ano todo. Reformulámos conceitos, como a Feira Transfronteiriça integrada nas «Amendoeiras em Flor» e as Sops e Merendas, um evento gastronómico alicerçado na cozinha

I was a bank clerk. When I was in Freixo, giving classes, the Caixa Geral de Depósitos advertised a job. Well, I applied and I got the job. I was chosen from the 48 applicants.

Did you see yourself in Luísa's shoes (from the bank in Mozambique)?

Yes, because I was the only woman there, in the middle of men.

What did your father say?

My father was very happy because I got where I wanted to go and he was very proud of me.

Maria do Céu showed him that she could do it...

Yes... (*she gets emotional*).

You left banking for politics...

I never imagined reaching retirement having always done the same thing. In the meantime, a few years ago, at a change in term of office, I thought about what was going to happen «this mayor is going to ruin everything». Because until then the council had a very good financial department, and then he (the new mayor) started screwing everything up. The council's financial department started to get in a very bad state, and now it will still take some time to recover. It was that state, and the desire to do something that got me excited about politics. In the 2009 local elections, the PSD candidate invited me to be on the Municipal Council list, despite me having no ties with the party and at the time supporting the 'other side'. In these circumstances I had to make a decision, but always from an honest perspective, both with those who were inviting me and with the people on the list to which I belonged. I was adamant: «I have been made an offer and I am going to accept it». Everyone supported me. We held the elections. We didn't win, and I was four years in the opposition.

And then?

Then I ran for mayoral office! The Former Candidate and mayor told me he wasn't putting himself forward again. In this context I was assertive: «if you're not doing it, I will! I ran, and I won!»

And how has the experience been?

It's like this: I was fully aware of the state the council was in, but I understood that I had to do something...

Is your commitment to the council being honoured?

Yes. We've already reduced debt by five million. The revenue of this council is the FEF (Financial Equilibrium Fund) only. And 86% of the FEF is for salaries and loans and, even so... When I took office I knew the council was in bad shape, I knew, but we had to do something.

mais tradicional do concelho, e criámos três eventos de raiz: o Mercado Medieval (2016), o FFIL (Freixo Festival Internacional de Literatura), iniciado em 2017, caso único que se realiza no interior, e um dos quatro eventos do género que se realiza no país. E finalmente a Feira Ibérica dos Vinhos, aliada às Jornadas Gastronómicas do Bacalhau. Este evento, eno-gastronómico, envolve a presença de vinhos de Regiões Demarcadas, designadamente Douro Superior e Espanha. A ideia é promover a marca Freixo através do que é endógeno e da cultura. Com esta estratégia e mentalidade de gestão, Freixo tem-se afirmado!

É uma forma de trazer pessoas cá e de mostrar que o interior não está esquecido?

Aqui há muito para dar, aqui é que há qualidade de vida. Se alguém quiser um sítio para descansar, para sair da cidade, é vir para Freixo de Espada à Cinta. São as paisagens, o património, a gastronomia, o vinho...

Imagina, por exemplo, a vinda de uma cadeia hoteleira para a região?

Esse apelo faço-o a toda a hora. Temos muitas casas degradadas que gostava de ver recuperadas. A Câmara não tem como fazê-lo. Isso era uma boa aposta para os investidores que viessem de fora.

Que outras atracções existem cá para os visitantes?

A seda, por exemplo. Freixo é o único território peninsular onde se produz seda artesanal, desde a criação dos bichinhos, passando pela extracção do fio, até à tecelagem. Acredito que a seda pode ser uma mais-valia em Freixo. Que as pessoas possam extrair rendimento desse produto. A acrescentar, temos a arte das famosas Botas de Freixo, feitas à mão, e em processo artesanal. Pretendemos, igualmente, ensinar a arte a novos aprendizes.

Do panorama nacional e político, o que nos tem a dizer?

Não podemos ver o país por igual. Não é que ninguém seja mais do que ninguém. Não me sinto menos do que aqueles que estão em Lisboa. Mas o país tem de ser olhado conforme a realidade que ele é. Não podem querer que, em Freixo, os impostos sejam idênticos aos dos que estão no litoral. Assiste-se a uma obsessão por um modelo aritmético, que leva a que a função do Estado seja esquecida, ou até mesmo desprezada! Não há população suficiente para gerar receita? Fecham-se serviços! Isso é que não pode acontecer. Quando, na realidade, muitos serviços que estão localizados em Lisboa podiam ser descentralizados para o interior. Impera uma mentalidade centralista e práticas

What efforts are you making to boost Freixo?

Through events that take place almost right through the year. We have reformulated concepts, such as the Cross-Border Fair integrated in 'Almond Trees in Blossom' and the *Sopas e Merendas* (Soups and Picnics) culinary event focusing on the municipality's traditional cooking, and we have created three events from scratch: the Medieval Market (2016), FFIL (International Book Festival of Freixo), begun in 2017, an event like no other in the interior and of four events of this kind to be held in the country. And finally the Iberian Wine Fair, associated with the *Jornadas Gastronómicas do Bacalhau*, a food fair focusing on codfish. This wine & food event – includes wines from demarcated regions, namely the Upper Douro and Spain. The idea is to promote the Freixo brand, through what is endogenous and through culture. With this strategy and management mentality, Freixo has made its mark!

Is this a way of bringing people here and showing that the interior is not forgotten?

There is much to offer here; there is quality of life here. If anyone wants a place to relax, to get out of the city, they can come to Freixo de Espada à Cinta. We have scenery, heritage, food, wine...

Imagine, for example, a hotel chain were to come to the region...

I would make this appeal at any time. We have many dilapidated houses that I would like to see renovated. The council has no means to do it. This would be a good venture for investors coming from abroad.

What other attractions are there here for visitors?

Silk, for example. Freixo is the only place where hand-made silk is produced, from raising the animals, to extracting the thread, and then weaving it. I believe that silk can be an asset in Freixo. That people could make a living from it. And the art of shoemakers (Freixo boots) this will also be taught to new apprentices.

From the national and political panorama, what do you have to say?

You cannot view the country equally. It is not that nobody is more than anyone else. I don't feel any less than those in Lisbon. But the country has to be looked at according to the situation it is in. You cannot expect taxes to be the same in Freixo as they are on the coast. We are seeing an obsession with an arithmetic model, which leads to the function of the state being forgotten or even scorned at! Not enough people to create revenue? Shut down the

«O mercado espanhol dá muita vida à Freixo»
Spanish market brings lots of life to Freixo»

centralizadoras, diria mesmo Pombalinas! Nesse ponto, o poder central tem muita culpa pelo estado a que isto chegou! Portanto, como é que o interior se pode defender e desenvolver? Eu diria que o caminho, embora insuficiente, é este: as pessoas que o Estado nos tira com o esvaziamento ou retirada de serviços, compensamos com o que oferecemos em oferta turística e de lazer! Somos resilientes!

Que papel devem assumir e exigir, por exemplo, as autarquias do interior?

Os municípios deviam participar mais nas decisões que são tomadas.

O vosso município tem uma boa relação com o país vizinho, Espanha?

Excelente! O mercado espanhol dá muita vida a Freixo. Todos os dias recebemos Espanhóis! Procuram o comércio, consultas de medicina dentária, e toda a oferta gastronómica e de lazer: património histórico e natural.

E o futuro o que pode esperar, ainda, de si?

Não sei. O futuro faz-se com os nossos objectivos de vida, com os «amanhãs que cantam» e com o que porventura as pessoas esperam de nós. A nossa utilidade social não se esgota no que está ancorado a deveres de mandato. Uma certeza eu tenho: ajudarei sempre esta terra e estas gentes.

Quer deixar as contas em ordem na Câmara?

Sim. Enquanto houver os empréstimos... Não são mais quatro anos que vão inverter a situação financeira. Toda a gente sabe o que se passa. Não escondo nada a ninguém. E, às vezes, tem de se saber dizer 'não'!

A Maria do Céu está sempre com um sorriso?

Sempre. Mas não é por isso que não levo as coisas a sério (*risos*).



services! That just shouldn't happen. A centralist mentality and centralising practices prevail! In this matter, central power is very much to blame for the state we have come to. Accordingly, how can the interior defend itself and develop? I would say that the path to take, although it isn't enough, is this one: the people that the state takes from us with depopulation or removal of services, we make up for with what we offer in terms of tourism and leisure! We're tough!

What role should the local authorities, for example, play and demand?

Municipalities should be more involved in the decisions that are made.

Does your municipality have a good relationship with the neighbouring country, Spain?

Excellent. The Spanish market brings lots of life to Freixo. We welcome the Spanish here every day. They come for shopping, for dental consultations, and for all the food and leisure facilities we have: historic and natural heritage.

And the future, what can be expected from you?

I don't know. The future is made of our goals in life, with the «tomorrows that sing» and with what people might expect from us. Our social usefulness doesn't end with duties of office. There is one thing I am certain of: I will always help this place and these people.

You want to get the accounts in good shape in the council?

Yes. As long as there are loans... Four more years aren't going to put this in order. Everyone knows what's going on. I don't hide anything from anyone. And sometimes you have to know how to say 'no'!

Do you always have a smile on your face?

Always. But that doesn't stop me from taking things seriously (*she laughs*).



ANTÓNIO BAGÃO FÉLIX
Economista
Economist

Entre a Verdade e a Mentira

Estamos num tempo em que a verdade é suplantada pelas múltiplas formas da mentira: a meia-verdade, a notícia falsa, o rumor, o exagero, a incoerência, a agora chamada *pós-verdade* e outras formas capciosas de falsificar a factua-
lidade. Para além destas, há a mais insidiosa forma de eliminar a verdade factual, não a negando, mas omitindo-a. O silêncio que transporta é, não raro, uma forma sibilina de esconder, falsificar, suprimir, reduzir o que se passa.

A omissão deliberada ou consentida em meios de comunicação social tem-se revelado cirurgicamente como uma forma perversa e não democrática de «fazer notícias» ou «alinhar noticiários». Em liberdade, não há lápis azul, mas há esta poderosa forma de censurar sem lápis, num aparente jogo democrático de escolhas, subliminarmente ditatorial, preconceituoso, covardemente anónimo e não escrutinável quanto à decisão (e decisor) da omissão.

Aparentemente, estamos perante uma contradição. Há mais informação, a notícia corre célere, a imagem do cumenta até em excesso, e, todavia, o boato e o rumor florescem, a cada instante, em toda a parte e convivem

bem com a sociedade de informação. O boato refugia-se no anonimato, forma perversa de (a)responsabilidade. O boato tem a força que resulta de ser informe, insidioso, larvar. Por isso, o seu desmentido perde no confronto, porque, ao contrário, tem de ser rigoroso na forma e exigente na substância. O rumor é o mensageiro da mentira, da insinuação torpe, da meia-verdade, sem rosto. Veja-se o que por aí vai nas redes sociais, onde se junta o progresso social do seu benefício com o retrocesso ético do seu malefício. Como escreveu Jean Cocteau «*Uma garrafa de vinho meio vazia está meio cheia. Uma meia mentira nunca será uma meia verdade*».

A verdade é uma prova de fundo, uma espécie de maratona na nossa consciência. A mentira é uma modalidade de velocidade rápida, quanto muito de meio-fundo, às vezes perigosamente de estafeta. O problema é que, não raro, ganha na secretaria o que perde na corrida. Sobe ao pódio, escarnece da verdade e recebe medalhas de ouro.

A mentira é, agora, uma espécie de nova especiaria comportamental. Lamentavelmente...

Between Truth and Lie

We live in a time in which the truth is obscured by multiple forms of lying: half-truths, fake news, rumours, exaggeration, incoherence, and now the so-called post-truth and other misleading ways of falsifying factuality. In addition to these, there is the most insidious way of getting rid of factual truth, not by denying it but by omitting it. The silence that it transports is often a sibylline form of hiding, falsifying, suppressing, and reducing just what is happening.

The deliberate or consented omission in social media has been surgically revealed as a perverse and undemocratic way of «making news» or «bringing news media into line». In freedom, there is no red pencil, but there is this powerful form of censoring without a pencil, in an apparent democratic game of choices, subliminally dictatorial, prejudiced, cowardly anonymous and inscrutable when it comes to the decision (and decision maker) of the omission.

Apparently, we are facing a contradiction. There is more information, news spreads fast, the image documents excessively, and yet hearsay and rumour flourish, at every

instant, everywhere and coexist well with the information society. Hearsay takes refuge in anonymity, a perverse form of (ir)responsibility. The strength of the rumour results from being formless, insidious, larval. Therefore, its denial loses in a confrontation, because, on the contrary, it has to be strict in form and demanding in substance. The rumour is the messenger of the lie, of the clumsy insinuation, of the half-truth, faceless. You can see what is going on in the social networks, where the social progress from their benefit is combined with the ethical recession of their malice. As Jean Cocteau wrote «*A half-empty bottle of wine is half full. Half a lie will never be a half truth*».

The truth is an endurance sport, a kind of marathon in our conscience. Lying is a fast sport, at best middle distance, sometimes a dangerous relay. The problem is that, not infrequently, it wins at the desk what it loses in the race. It climbs on to the podium, scoffs at the truth and receives gold medals.

Lying is now a kind of new behavioural spice. Regrettably...

terras de
seda

CONHECER É VIVER

Freixo de Espada à Cinta, único território da Península Ibérica onde ainda se trabalha a seda de forma 100% artesanal.



ART & CULTURE

MUSEU DA SEDA

Casulos dourados, por terras de Seda
Golden cocoons, in the land of silk

TEXTO TEXT MARIA CRUZ \\\ FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY ©PMC



O único território em toda a
Península Ibérica onde ainda se
trabalha a seda de forma 100%
artesanal é em Freixo de Espada à
Cinta. The only territory on the
entire Iberian Peninsula in which silk
is still 100% handmade is in Freixo de
Espada à Cinta.



70% do que no dia anterior, daí que, no início, eles tenham cerca de 3 mm e depois cheguem a atingir 8 cm – aquando da idade adulta. Passados os trinta dias, os bichinhos deixam de comer, afastam-se para a beirada do tabuleiro, onde é colocado o rosmaninho – local onde os bichinhos entram – e cada um vai formar o seu casulo.

Todos os anos são recolhidos das borboletas os ovos que vão dar origem às lagartas. Como elas não se desenvolvem todas ao mesmo ritmo, passa a ser fundamental a separação por grupos de desenvolvimento para, depois, ser mais fácil a percepção de quando será a altura de criação do casulo. As lagartas, através do líquido que expõem e estando em contacto com o ar, vão produzir a seda, que vai formando o casulo, e que as vai proteger durante a metamorfose (um período de cerca de quinze dias). Demora, mais ou menos, uma semana a fazer o casulo. Depois, fica uma semana parado. É quando nascem as borboletas, ao fim de duas semanas, sensivelmente. Então, deixa-se nascer as borboletas para o ano seguinte. Dos restantes casulos não se deixa nascer a borboleta, porque, ao nascer, a borboleta vai furar/romper o casulo e já não se consegue extrair o fio de seda contínuo.

day before. So, at the beginning it measures about 3 mm, before reaching 8 cm in adulthood. After the thirty days the animals stop eating and move away to the edge of the board, where the lavender is placed – into which the caterpillars enter, each one forming its cocoon.

Every year the eggs that will give rise to caterpillars are collected from the moths. As they don't all develop at the same rate, it is vital they are separated into development groups, which makes it easier to see when the cocoon creation time will be. The caterpillars, through the liquid that they expel and which then comes into contact with the air, produce the silk, with which they form the cocoon, which will protect them during metamorphosis (a period of about fifteen days). It takes about a week to make the cocoon. Then all is still for a week. That's when the moths emerge, at the end of two weeks, more or less. Enough moths are allowed to emerge to ensure eggs for the next year. The moth is not allowed to emerge in the remaining cocoons, because as they emerge the moth pierces/breaks the cocoon and then you can't extract continuous silk thread.

Freixo de Espada à Cinta é o único município onde se continua a trabalhar integralmente a seda artesanal. Em tempos, este ofício era produzido noutros lugares. Hoje, já não. Actualmente, grande parte da seda que é transformada em Portugal é importada do Brasil e da Turquia. Mas, em Freixo, isso não acontece. Todo o processo de fabrico é artesanal. Desde os ovinhos do bicho-da-seda, passando pelo processo de extracção, até à tecelagem.

No Centro de Artesanato, tivemos a oportunidade de conhecer, de mais perto, esta belíssima tradição. Assistimos a uma demonstração da extracção da seda, que tivemos a oportunidade de observar e registar. Explicaram-nos que é na Primavera que o bicho, em forma de lagarta, se transforma em borboleta. Mas, antes disso, é importante referir que os ovos ficam, sempre, guardados até à Primavera do ano seguinte. São conservados no frio. Depois, quando chega a época primaveril, que é quando começam a aparecer as primeiras folhas de amoreira, retiram-se os ovos do frio e colocam-se a uma temperatura ambiente que oscila entre os 24° e 26° C. Logo mais, os ovos eclodem e nascem os bichinhos-da-seda.

O bicho-da-seda só come folhas de amoreira, frescas e sem qualquer humidade. Passa, aproximadamente, trinta dias a alimentar-se dessa folha. E, todos os dias, come mais

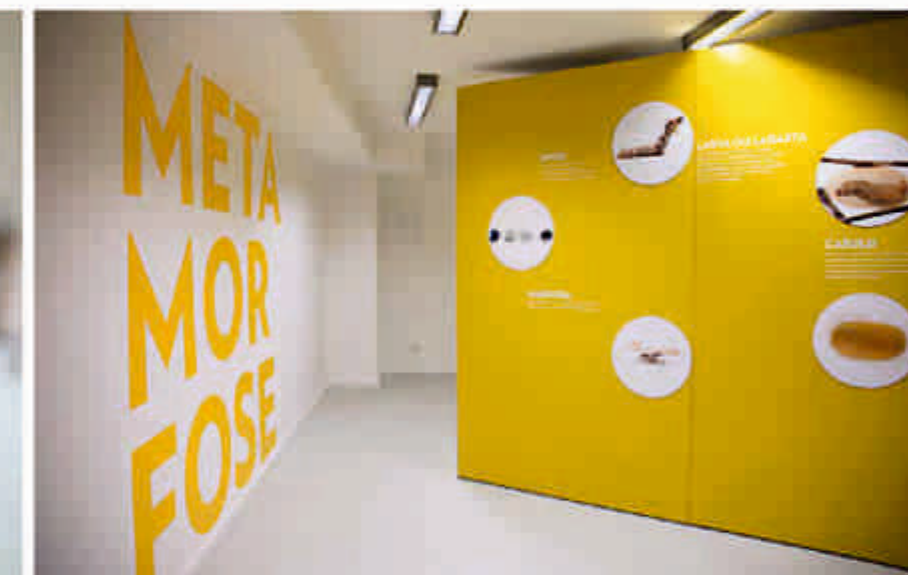
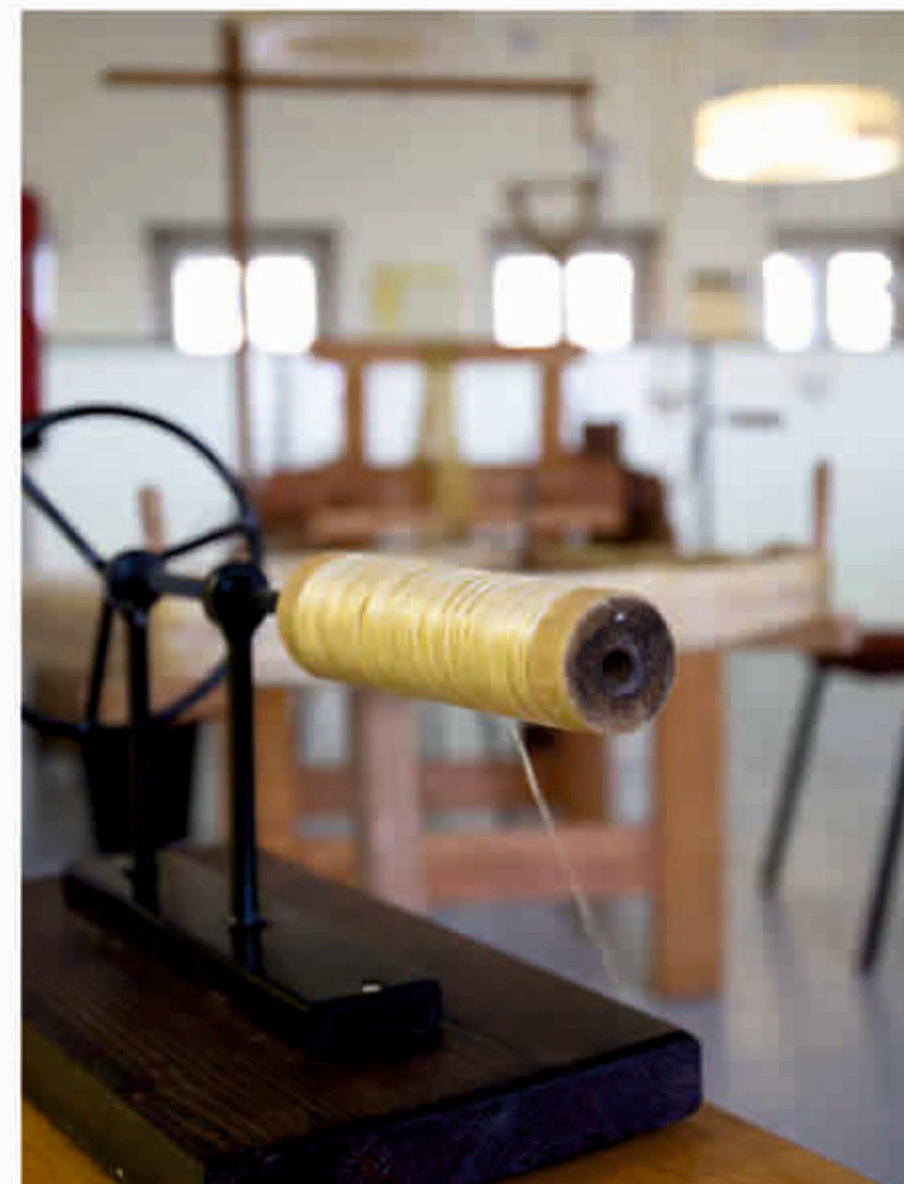
Freixo de Espada à Cinta is the only municipality where handcrafted silk is still processed entirely by hand. In former times, this craft was undertaken elsewhere. Not anymore. At present, much of the silk that is processed in Portugal is imported from Brazil and from Turkey. But in Freixo, this isn't the case. The entire manufacturing process is by hand. From the silkworm eggs, through to the extraction process, and then the weaving.

At the Handicraft Centre, we had the opportunity to get to know more about this beautiful tradition. We were present at a silk extraction demonstration, which we had the opportunity to observe and record. We were told that the animal, in the form of a caterpillar, becomes a moth during the spring. But, before that, it is important to note that the eggs are always stored until

the spring of the following year. They are kept in cold storage. Then, when the spring comes around, which is when the first mulberry leaves begin to appear, the eggs are removed from the cold and placed at a room temperature ranging from 24°C to 26°C. Soon, the eggs hatch and the silkworms are born.

The silkworm only eats mulberry leaves, fresh and without any moisture. It spends about thirty days feeding on this leaf. And every day, it eats 70% more than it did the

O município de Freixo pretende implementar a produção de seda artesanal como uma marca económica da região. municipality of Freixo intends to implement the production of handcrafted silk as an economic brand of the region.





Produzir seda de 1.ª qualidade implica, indiscutivelmente, ter de sacrificar as borboletas dentro do casulo. Dos casulos que são rompidos, faz-se a seda de 2.ª qualidade – designada como ‘maranhos’. Cada casulo produz um fio entre 800 a mil metros de comprimento. Um fio muito fininho. Uma borboleta põe entre 300 a 800 ovos. Como não se sabe se dos ovos vão nascer borboletas macho ou fêmea, deixa-se uma quantidade razoável. E, quando nascem umas 50 a 100 borboletas, tiram-se os casulos e interrompe-se o ciclo com um choque térmico. Antigamente fazia-se através do sol. Eram estendidos ao sol, por alguns dias, e o sol, sendo intenso e quente, matava o bichinho lá dentro. Agora, é mais fácil. É na arca frigorífica que eles levam o choque térmico e acabam por morrer.

Assim, fica pronta a seda para ser extraída. Já na fase de extracção, é numa tina de cobre com água quente que se vai desenrolar o fio dos casulos. A água está a uma temperatura de 90°, a vassoura feita de canjeira vai tocar nos casulos e vai colher os vários fiozinhos de seda (cerca de 20), que vão passando pela fiara enquanto são enrolados no sarlho. Os fios vão colando. Este processo exige a presença de duas pessoas a trabalhar. Sempre que o fio é extraído, no final do casulo vê-se lá dentro o bichinho morto.

Depois de retirada a seda do sarlho, esta é colocada na dobadora e inicia-se o processo de enrolamento, torção e extensão. A seda fica com um aspecto tipo palha. Depois, dobra-se o fio da seda em pequenos cartões, que, por sua vez, vão ser juntos a outros vários fios daqueles (normalmente são dez) e são enrolados no rodeleiro (cilindro de madeira) que dará a grossura suficiente ao fio de seda e

To produce silk of the finest quality, this undisputably entails having to sacrifice the moths inside the cocoon. Second grade silk is made with the cocoons that have been broken, and referred to as maranhos. Each cocoon produces a thread of between 800 and 1.000 metres long. A very fine thread. A moth lays between 300 and 800 eggs. As it is not known whether the eggs will lead to male or female moths a reasonable amount is stored. And when about 50 to 100 moths have emerged, the cocoons are removed and the cycle is interrupted with a thermal shock. It used to be done through the sun. They used to be spread out in the sun for a few days, and the sun, being intense and hot, would kill the animal inside. Now it's easier. They now undergo thermal shock and die in the freezer that they take the heat shock and end up dying.

The silk is thus ready to be extracted. In the extraction phase, the thread is unrolled from the cocoons in a copper tub of hot water. The water is at a temperature of 90°, a brush, made of gorse, touches the cocoons and picks up the several silk threads (about 20), which go through the spinneret while they are rolled onto the skeiner. The threads stick together. This process requires the presence of two people working. Once the thread has been extracted, at the end of the cocoon you can see the dead moth inside.

After the silk is removed from the skeiner, it is placed on the swifter and the process of winding, twisting and stretching begins. The silk starts to look like straw. Then the silk thread is reeled into small cards, which in turn are to be joined to several other yarns (usually ten) and are

torná-lo-á possível de se trabalhar no tear. Para o fio ser resistente, é necessário torcê-lo – quanto mais torcido e esticado estiver, mais resistente e sedoso será. Depois, a seda é cozinhada, durante cerca de duas a três horas, em água e sabão. E, assim, o aspecto da seda passa do amarelo para o branco.

Finalmente, sedosa, branca e seca, ela passa a estar pronta para o tear. Para se produzir um quilo de seda sedosa são necessários cinco quilos de casulos. É em função de um desenho que a artesã, no tear, vai criando peças únicas. Muitas vezes, são precisos quatro dias, só a tecer, para concluir uma peça com 1 metro (por exemplo uma écharpe). Isto fora o trabalho que dá o tear a ser montado (demora uma semana, entre fazer a teia, montar os lisos, meter no pente...). No dia da nossa visita foi Júlia (artesã há mais de trinta anos) quem nos demonstrou esta arte.

Se há quem tenha a curiosidade em saber mais, nada melhor que visitar o Museu da Seda e do Território, em Freixo, e ver de perto toda a tradição em volta do bicho-da-seda. O acervo é único, o espaço é atractivo e as gentes são maravilhosas. Visitem!

rolled onto the bobbin, which will give sufficient thickness to the yarn and make it suitable for work on the loom. To make the yarn more resistant, it has to be twisted – the more twisted and stretched it is, the more resilient and silky it becomes. The silk is then heated for about two to three hours in soap and water. And so, the silk goes from looking yellow to looking white.

Finally, silky, white and dry, it is ready for the loom. To produce one kilogram of silk, five kilograms of cocoons are required. Using a design, the weaver creates unique pieces on the loom. Often, it takes four days, just weaving, to complete a one-metre piece (for example a scarf). This does not include the work needed to get the loom assembled (it takes a week, between making the warp, assembling the flat sides, placing in the teeth...). On the day of our visit we were shown this art by Júlia (craftswoman for more than thirty years).

If anyone has had their curiosity sparked, what better than paying a visit to the Museu da Seda e do Território [Museum of Silk and the Territory], in Freixo, and seeing the whole tradition around silkworms up close. The collection is unique, the space is attractive and the people are wonderful. Come and pay a visit!

A produção de seda, em modo artesanal, será, cada vez mais, um marco da história nacional, production, in its handcrafted version, will become, increasingly a landmark in the nation's history.

